

AULAS DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE PERNAMBUCO: REALIDADE, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

João Marcelo Barbosa Guerra¹; José Fernando de Lira e Silva²; Ana Paula Torres de Queiroz³

¹ *Licenciando em geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, joaomarcelob.guerra@gmail.com*

² *Licenciando em geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, fernandolira768@gmail.com*

³ *Professora mestra do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, anaqueiroz@recife.ifpe.edu.br*

Resumo: O presente artigo vem analisar as possíveis reflexões, desafios e possibilidades referentes as aulas de Geografia na educação básica do estado de Pernambuco. Nesta perspectiva, foi confrontada a realidade presente em sala de aula atualmente, formulada por uma amostra de professores de Geografia, e as teorias da ciência geográfica e da educação, analisando-se possibilidades para melhorias. Os procedimentos metodológicos adotados para alcançar os objetivos delineados na pesquisa foram: 1. Revisão da literatura de obras que trazem os conceitos chaves da educação e da Geografia escolar. 2. No segundo momento ocorreu a troca de saberes referentes aos conhecimentos específicos sobre ensino e ensino de Geografia, sobretudo, nos seus objetivos com base nos autores (LIBÂNEO, 2013; MIZUKAMI, 1986; CAVALCANTI, 2008; CAVALCANTI, 2012; PONTUSKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). 3. No terceiro momento, foi elaborada uma entrevista semiestruturada e aplicada com professores das redes Municipal, Estadual e Federal de educação do estado de Pernambuco. Encontramos como realidade nas escolas, um aprendizado de Geografia cercado de bastantes dificuldades, onde muitas vezes, existe o pouco interesse dos pela disciplina. Como um desafio, apontamos a necessidade da utilização de metodologias ativas que favoreça ao rompimento do ensino pautado na passividade e no tradicionalismo. Sugerimos como uma possibilidade, a utilização de recursos que podem despertar melhorias no ensino, tendo como aliado as tecnologias que estão fortemente presentes na sociedade. Torna-se necessário que a aprendizagem do aluno deve ser mediada entre os conceitos próprios da Geografia e o seu cotidiano. Esta é uma possibilidade de saída do ensino passivo, centrado na figura do professor.

Palavras Chaves: Geografia, Ensino, Aprendizagem, Professores, Sala de aula.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as dificuldades e possibilidades de mudanças para o ensino da Geografia nas escolas públicas de Pernambuco. Fazendo uma discussão entre as teorias da ciência geográfica e da educação e a realidade encontrada no chão da escola, analisando as dificuldades, a concepção dos professores sobre as aulas de Geografia, e identificando a importância do aprendizado desta disciplina na visão dos mesmos.

O processo de ensino é muito importante na formação do aluno, tendo este a necessidade de despertar uma ação transformadora na educação básica, uma vez que as

dificuldades presentes em sala de aula são variadas, para tal cabe a reflexão das diversas realidades, fazendo com que haja futuras intervenções no ensino e aprendizagem.

Diversos pensadores têm, nos dias de hoje, auxiliado em seus textos a mudança desta realidade que é repleta de dificuldades, trazendo na teoria discussões que podem auxiliar a prática. As contribuições desenvolvidas por (LIBÂNEO, 2013), (MIZUKAMI, 1986), (CAVALCANTI, 2008), (CAVALCANTI, 2012), (PONTUSKA; PAGANELLI; CACETE, 2009) nos traz uma reflexão para esta questão:

[...] o que se busca hoje, na didática da geografia, é compreender essa dinâmica do ensino, seus elementos constitutivos, suas condições de realização, seus contextos e sujeitos envolvidos, seus limites e desafios. A compreensão mais ampla e crítica no ensino em geral e dos fundamentos teóricos e metodológicos da geografia escolar, realizada pela teoria didática, e um dos subsídios para a atuação docente, consciente e autônoma. (CAVALCANTI, 2008, p. 40).

Na educação básica as dificuldades como a falta de recursos didáticos e de infraestrutura da escola, a má formação dos professores, a falta de empenho do aluno na aula, faz com que na formação docente surja a indagação do por que esta realidade está presente nas escolas e como isso repercute no ensino e na aprendizagem? Esta questão desperta o interesse da pesquisa, tentando compreender o processo de ensino/aprendizagem da Geografia em Pernambuco, e com isto tentando obter possíveis possibilidades para a amenizar os possíveis problemas encontrados no referido processo. E ainda, buscando vencer um ensino fundamentado na passividade e no tradicionalismo para que isto não se perpetue cada vez mais.

2 METODOLOGIA

A pesquisa alicerçar-se numa abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, tendo como desdobramento o processo formativo dos estudantes da educação básica. Ao destacarmos a concepção de estudo do caso, nos aproximamos de Gil (2002), onde tivemos a preocupação de explorar situações da vida real, preservando as particularidades de cada objeto estudado, descrever a situação que foi observada durante a investigação e explicar as possíveis causas para esses determinados fenômenos que foram analisados.

Os procedimentos metodológicos adotados para alcançar os objetivos delineados na pesquisa foram: Revisão da literatura de obras que trazem os conceitos chaves da educação e da Geografia escolar com base nos autores (LIBÂNEO, 2013; MIZUKAMI, 1986; CAVALCANTI, 2008; CAVALCANTI, 2012; PONTUSKA; PAGANELLI; CACETE,

2009). No segundo momento, foi elaborada uma entrevista semiestruturada e aplicada com 5 professores das redes Municipal, Estadual e Federal de educação do estado de Pernambuco, desses 3 lecionam no ensino fundamental II, ensino médio e no EJA; 1 no curso de licenciatura em geografia, ensino médio e EJA; e o último professor atua somente no ensino fundamental II.

De acordo com Gil (2008), a entrevista se torna um método de pesquisa eficaz por possibilitar a obtenção de dados dos mais diferentes aspectos da vida social, dados esses que se tornam muito mais profundos acerca do pensamento humano, além de permitirem a classificação e quantificação. Essa metodologia também se tornou bastante adequada para esse trabalho por conta de sua rapidez e por não necessitar de uma preparação tão exaustiva por parte dos pesquisadores. Por fim, ela foi semiestruturada para possibilitar uma maior flexibilidade diante da realidade e das respostas que fossem encontradas nas escolas e os resultados esperados serem atingidos de maneira mais satisfatória possível e sendo confortável tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador.

Os entrevistados foram identificados através da seguinte forma: E1 – Educador 1, E2- Educador 2, e assim em diante.

Para a interpretação dos dados utilizamos a análise do conteúdo. No interior da análise de conteúdo, foi utilizado o procedimento da análise temática, levando em consideração o que propõe Bardin (1977): 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 AULAS DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Analisar o olhar dos professores é um dos momentos mais instigadores na averiguação para avultar os pensamentos sobre as práticas pedagógicas concretizadas no exercício docente desenvolvido na educação básica e dos saberes mobilizados e suas implicações resultantes para o processo de formação do estudante crítico-reflexivo.

Para Cavalcanti (2008), ensinar os conteúdos escolares as crianças e, principalmente, aos jovens, tem se tornado uma dificuldade, onde há falta de interesse pelas atividades de Geografia por parte dos estudantes prejudica o desenvolvimento de um trabalho docente que tenha resultados significantes de aprendizagem.

Durante a entrevista realizada com os professores de Geografia da educação básica das redes Municipal, Estadual e Federal de educação do Estado de Pernambuco, ficou claro que tal desinteresse por parte dos estudantes ainda se faz muito presente no chão da sala de aula nas turmas de ensino fundamental, ensino médio e até mesmo do EJA.

A seguir, traremos excertos das respostas dos professores a entrevista.

1- Como anda o interesse dos estudantes pelas aulas de Geografia na visão dos professores da rede pública de Pernambuco.

RESPOSTAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA	
E1	Percebo que eu tenho que motivar o interesse dos estudantes, pois os estudantes estão muito cansados de aulas passivas, com o quadro e o professor. Muitos deles já estão condicionados aquela condição de ser um estudante receptor e na maioria das vezes aquilo não se torna interessante, por isso uma aula somente expositiva não é viável. Então eu tento motiva-los problematizando todas as minhas aulas e buscando deles tudo que eles sabem sobre aquilo que estou querendo expor. Por isso, eu vejo que o professor tem que motivar e acreditar.
E3	Existe o interesse de alguns alunos pelas aulas, eu mentiria se dissesse que todos estão interessados, tem sempre aqueles que demonstram interesse, que são contados, muito poucos, mas no geral você tentar prender esses alunos, chamar a atenção para importância daquele momento que você está explicando e a maioria fica disperso, fica complicado dizer que eles tem interesse.

Fonte: professores de geografia das redes Municipal, Estadual e Federal de educação do Estado de Pernambuco em 2018.1

2- Quais são as dificuldades encontradas pelas professoras para conseguir desenvolver o trabalho docente.

ENTREVISTA COM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA	
E4	A primeira dificuldade é a carga horária muito pequena de duas horas semanais. Segundo ponto é o de promover o interesse do estudante pela disciplina, para mim esse é o maior desafio, despertar o interesse, pois a maioria já interiorizou que a Geografia é uma disciplina que não serve de nada e deve somente memorizar, então tento fazer rupturas e esse é o meu desafio em todas as turmas, seja de ensino médio seja do EJA.
E5	A principal dificuldade é a falta de concentração dos alunos, eles estão muitas vezes na aula ouvindo música, utilizando fone de ouvido, muita conversa, a própria falta de interesse de estudar, de chegar em casa e ler o que você fez naquele dia, em dar uma lida pelo menos, não é memorizar, mas dá uma lida para resolver as atividades. Hoje em dia é muito difícil, pois a atividade vai no caderno e muitas vezes volta do mesmo jeito, claro que não são todos os alunos, mas no geral hoje a uma falta de disciplina em todos os sentidos.

Fonte: professores de geografia das redes Municipal, Estadual e Federal de educação do Estado de Pernambuco em 2018.1

Entendemos que é importante compreender o ensino de Geografia como uma prática social, dinâmica e objetiva, onde não terá eficiência a abordagem tradicionalista conceituada por Mikukami (1986) como transmissão de conhecimentos e restrita à ação da escola, onde a ênfase do processo de aprendizagem se dará em situações de sala de aula, onde os alunos serão instruídos e ensinados pelo professor, onde os conteúdos e as informações têm de ser adquiridos através modelos imitados. De acordo com a professora Lana de Souza Cavalcanti:

É um grande desafio a proposta de desenvolver ideias a respeito de procedimentos no ensino de geografia, pois eles são frequentemente considerados “receitas técnicas de como dar uma boa aula, o que termina por levar a uma resistência em colocar esse tema como pauta de discussão. É preciso, no entanto, encontrar meios de debater sobre modos de encaminhar as atividades cotidianas de ensino sem que isso seja tomado como um simples ato de repassar formulas. [...] (CAVALCANTI, 2012, p. 175).

É necessário fomentar na educação uma abordagem sócio-cultural onde de acordo com Mizukami (1986) será caracterizada pela elaboração e desenvolvimento do conhecimento ligados ao processo de conscientização, devendo ser a escola um ambiente que seja possível o crescimento mútuo, do professor e dos alunos, no processo de conscientização e que supere a relação de opressor-oprimido.

Por conseguinte, Cavalcanti (2012, p. 176) reforça que: “A escola é um espaço de encontro e de confronto de saberes produzidos ao longo da história pela humanidade. Ela lida com a cultura, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares. [...]”.

Partindo de tais concepções, foram feitos os seguintes questionamentos aos professores: “Qual é a importância do aprendizado de Geografia para o cotidiano do aluno?” e “Em sua concepção, como deve ser a aula de Geografia?”. As respostas dos professores apresentaram diferentes entendimentos, da qual se destacam as retratadas nos itens 3 e 4.

3- A importância do aprendizado de Geografia na visão dos professores da rede pública do Estado de Pernambuco.

ENTREVISTA COM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA	
E1	A geografia hoje exerce um papel fundamental na formação cidadã, nas relações que se estabelecem com o mundo da globalização. Então a Geografia está presente no cotidiano das pessoas e por isso, é preciso fazer uma Geografia ativa/viva, que envolva o cotidiano desses estudantes, para que eles possam compreender a ciência e consequentemente viver e reconhecer o lugar onde vivem.
E2	A geografia é de fundamental importância, com ela você tem uma visão melhor do mundo, você aprende que é construtor do meio em que você vive.

E3	Está ligado a questões da atualidade, pois ninguém consegue viver sem Geografia. Principalmente atualmente por conta das questões dos intercâmbios, que os alunos do estado realizam, por isso eles precisam ter um conhecimento de mundo real. Infelizmente muitos alunos não valorizam a disciplina, muitos não conseguem ver a geografia como uma disciplina prática, que estamos praticando Geografia em tudo que a gente faz, até se deslocar de casa para a escola você está fazendo Geografia, mas os alunos muitas vezes não percebem essa importância da disciplina no contexto da sua vida diária.
-----------	--

Fonte: professores de geografia das redes Municipal, Estadual e Federal de educação do Estado de Pernambuco em 2018.1

4- Percepção dos professores de como devem ser as aulas de Geografia.

ENTREVISTA COM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA	
E2	Uma aula de geografia deve envolver vários saberes, deve ser problematizada, para que o estudante possa ser o centro da aprendizagem e o professor ele exerce um papel de mediador do conhecimento. Então aula deve possibilitar que o estudante traga para o chão da sala de aula a sua bagagem, o seu conhecimento, os seus saberes, e ali ocorra entre os sujeitos, estudante e professor, uma troca de conhecimentos. A Geografia deve ter um ensino ativo, onde o professor deve se preocupar em planejar suas aulas contemplando conteúdos conceituais, atitudinais e que traga a questão da realidade em que o aluno vive, para que ele possa dar importância a ciência em tela. O professor primeiro deve ter uma formação em Geografia, utilizar de vários recursos, planejar suas aulas didaticamente inovando tecnicamente, com propostas lúdicas, com a tecnologia, com atividades voltadas para as mídias, pois ele tem que usar dos recursos mais variados possíveis. E por fim ter uma fundamentação teórica muito boa, porque a Geografia exerce um papel muito importante no contexto atual.
E4	Deverá ser mais dinâmica possível, de preferência trazer o aluno para o meio que a gente está estudando.
E5	Na minha concepção teria que ser uma aula bem prática, que ligasse todo o conteúdo que você dá em Geografia, a parte teórica, e você fizesse viagens/excursões didáticas para que você pudesse mostrar aos alunos o lado prático da disciplina. Só que como a maioria das escolas não tem verba, a gente não consegue principalmente se descolar, sair da escola e mostrar a realidade da vida urbana, por exemplo. Muitas vezes o aluno não consegue conhecer nem a cidade onde ele vive, eles moram num bairro e não conhecem nada além desse bairro onde vivem. Na realidade eu acho que as aulas de Geografia deveriam ser mais práticas do que propriamente a teoria, muitos alunos consideram a disciplina chata, dizem que aula chata, mas não é, o fato é que eles não conseguem ligar a teoria com a prática, aí fica bem complicado ele vê como é a Geografia na realidade.

Fonte: professores de geografia das redes Municipal, Estadual e Federal de educação do Estado de Pernambuco em 2018.1

Quanto à percepção dos professores percebemos que os mesmos apresentam uma visão positiva de como deve ser o processo de ensino-aprendizagem, conseguindo compreender qual a importância do aprendizado de Geografia para vida dos estudantes. Eles apresentam rupturas daquele modelo de educação engessado onde o estudante é: “[...] um receptor passivo até que, repleto das informações necessárias, pode repeti-las a outros que

ainda não as possuem, assim como pode ser eficiente em sua profissão, quando de posso dessas informações e conteúdos. [...]” (MIZUKAMI, 1986, p. 8-9). A visão é de que a geografia escolar servirá para além de formar bons profissionais para o mercado de trabalho, mas sim para formar um cidadão crítico-reflexivo que consiga identificar e questionar as situações que estão ocorrendo em seu entorno.

As formas como uma aula de geografia devem ser ministradas na visão dos entrevistados também representa a nova concepção por parte desses educadores sobre como se dá o processo de aprendizagem, visto que de acordo com a autora durante a abordagem tradicional ela seria apenas da seguinte forma:

A ênfase é dada às situações de sala de aula, onde os alunos são “instruídos” e “ensinados” pelo professor. Comumente, pois, subordina-se a educação à instrução, considerando a aprendizagem do aluno como um fim em si mesmo: os conteúdos e as informações têm de ser adquiridos, os modelos imitados. (MIZUKAMI, 1986, p. 13).

Nesta perspectiva utilizar uma aula de campo, por exemplo, seria inaceitável, pois o ambiente escolar deveria ser austero para que o aluno não se distraia, com a relação vertical entre estudante-professor, sendo reprimidos qualquer elemento da vida emocional do estudante porque isso se tornaria um impeditivo de uma boa e útil direção do trabalho de ensino. A aula se tornaria restrita apenas a sala e essa seria conduzida como uma espécie de espetáculo, sendo o magistério uma arte concentrada no professor.

Todavia, a realidade das escolas visitadas felizmente se apresenta como outra, tendo a preocupação dos professores em utilizar de diversas metodologias, colocar o estudante como o centro do processo e sempre trazer sua realidade de mundo para dentro da sala de aula, pois o que eles buscam é realizar uma troca constante de saberes e não uma simples transmissão para posterior reprodução.

Assim, estão na mesma direção do que pensa Cavalcanti (2012) quando afirma que o ensino de geografia deve buscar o real envolvimento dos alunos e professores, proporcionando uma maior motivação para as atividades de escolares que levem ao trabalho cooperativo e democrático, possibilitando um melhor aproveitamento do espaço escolar, ultrapassando a aula de aula e prezando pelo exercício da criatividade e da consolidação da escola como espaço vivo, de culturas, onde a mescla de saberes e sua construção são a razão do ser.

Os métodos de ensino se formulam por meio dos objetivos e dos conteúdos as serem cumpridos em sala de aula, sendo utilizado pelo professor estratégias e ações. Estes métodos são caracterizados por Libâneo (2013, p. 152) como “[...] as ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente em relação a um conjunto específico”.

Existem diversos métodos de ensino, onde cada professor adota um ou mais para basear-se em suas aulas. Um exemplo destes métodos é o expositivo que é muito utilizado em sala de aula, onde o professor expõe as ideias e o aluno é o receptor destas, sendo esta exposição verbal, demonstrativa, com ilustrações ou exemplificativa. Outros métodos também são realizados, como os de trabalho individual, onde o aluno executa todo trabalho apenas com orientações do professor; o de produção conjunta, realizado em uma interação entre professor e aluno; o de trabalho em grupo, onde se divide a sala em pequenos grupos para realizar atividades e estudos sobre o tema propostos; além das atividades especiais, onde estas vão completar os métodos de ensino, no caso da geografia as aulas de campo podem ser inseridas neste método.

É preciso ser analisado e escolhido o melhor método para se aplicar, pois muitas vezes a utilização do método inadequado não chega ao resultado esperado. Em nossa entrevista analisamos quais eram os métodos de ensino utilizados pelos professores da educação básica de Pernambuco, e vimos, de acordo com a E3, que muitos métodos que são ensinados na universidade não se aplicam na realidade, é preciso levar em consideração a realidade do aluno, como este aluno pode aprender determinados assuntos, na convivência diária é que devem ser pensados os meios de atingir os objetivos e da aplicação destes métodos e se cabe para a transmissão do conteúdo.

5 - Métodos de ensino utilizados pelos professores em sala de aula.

ENTREVISTA COM PROFESSORES DA REDE PÚBLICA	
E1	Eu uso várias estratégias metodologias, variando de acordo com a turma, o nível, do conteúdo que estou trabalhando, pois planejo minuciosamente minhas aulas. Por exemplo, nas turmas do EJA eu contemplo os conteúdos que estão na ementa da instituição, porém a maneira como faço a abordagem da aula é diferenciada. Então procuro fazer oficinas, levo materiais didáticos, como em uma aula sobre movimentos da terra eu utilizo uma maquete que tenha o movimento de translação da terra para que os alunos possam observar como é que a terra executa esse movimento em torno do sol, suas consequências. Isso é possível pois a instituição é rica em materiais didáticos, então temos essa possibilidade e isso facilita bastante. Eu também faço atividades lúdicas, como uso de jogos de memória com o grupo do EJA, pois esse é um grupo diferenciado, pois existe um problema cognitivo



	com pessoas que fazem muito tempo que não estudam e o professor tem o papel de resgatar isso para que o aluno não fique tão impactado, tenha medo da disciplina e desista. Uso muitos recursos, para cada situação uma didática diferente, eu não posso fazer a mesma didática em todas as turmas, pois mesmo que as turmas tenham o mesmo planejamento as metodologias serão diferentes, pois cada turma tem um perfil, então faço conforme o nível e a necessidade.
E3	Atualmente, para ser sincera, eu não estou adotando nenhuma estratégia metodológica que eu vi na universidade, que você vai aprendendo com o dia a dia, tudo que você vê sentado numa cadeira da universidade você vai ter que adequar ao cotidiano dos alunos, porque uma coisa é teoria outra coisa é a realidade, o que eles estão interessados? Qual o mundo deles? Foi isso que percebi, você precisa se adequar a vida como é hoje, pois o ensino está atrasadíssimo em relação a vida dos meninos, com esses acessos, as mídias sociais, ao Facebook. Por isso muitas vezes o uso do livro didático se torna impossível na sala de aula, porque eles não trazem o material, eles não querem copiar, está tudo prático hoje por conta das mídias e por isso eles não querem mais escrever no caderno. Atualmente eu estou com aluno de 9º ano que não escreve de maneira correta, pois não pesquisam, não escreve, não leem, e por não terem eu leitura boa isso interfere na escrita deles.

Fonte: professores de geografia das redes Municipal, Estadual e Federal de educação do Estado de Pernambuco em 2018.1

Vivemos atualmente na realidade de uma revolução tecnológica, onde é importante e necessário o uso destas tecnologias para nos conectarmos, e com isto a escola, lugar de formação de indivíduos, tem a tarefa de se integrar aos meios utilizados atualmente pela sociedade. Com isto, há uma facilidade maior de encontramos uma vasta quantidade de assuntos voltados à geografia nestes meios de informações melhorando o ensino, como disse Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 264) “O desenvolvimento das tecnologias de informação possibilitou o registro de informações geográficas em forma digital, aumentando em muito a quantidade de informações disponíveis para o uso no processo de análise do espaço geográfico.” Portanto torna-se necessário a utilização destes meios em sala de aula.

Mas para tanto é preciso analisar alguns aspectos, visto que estes recursos acentuou a desigualdade social é encontrada também esta realidade nas escolas, uma vez que nem todos têm as devidas condições de comprar um celular digital ou até mesmo um notebook ou computador. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 263) afirmam que “[...] a escola é responsável pelo acesso à informação e ao conhecimento, além de promover o reconhecimento da importância e do uso das novas tecnologias.” Sendo assim, cabe a escola o papel de integrar o aluno as novas tecnologias.

Contudo, vivemos em um país que a educação é falha e nem todas as escolas tem o devido recurso para auxiliar os estudantes, mesmo sabendo que algumas foram preparadas para serem polos tecnológicos como os Institutos Federais analisado na afirmativa da E3,

melhorando assim a educação, só que isto não se aplica a maioria, como bem afirma a E2 em nossa entrevista, não há um auxílio do estado, nem manutenção para que possam ajudar a desfrutar destes recursos, dificultando a integração dos alunos carentes ao mundo atual, aumentando cada vez mais as dificuldades e a desigualdade.

Ainda existe o caso de saber como utilizar estes recursos, toda esta revolução nos proporcionou um fácil e rápido acesso a uma série de informações, facilitando em nossas pesquisas, mas se o professor não tiver o devido cuidado acaba a tecnologia não sendo um meio de educação, mas apenas de fonte, onde o aluno pesquisa e cola o trabalho sem ter o devido cuidado de ler e analisar o texto, portanto é preciso que seja utilizado métodos em que faça com que o aluno tenha um contato maior com a pesquisa realizada e não apenas pesquisar para cumprir a nota, mas refletir sobre o assunto proposto.

Existem diversas atividades que podem proporcionar o contato do aluno com o mundo virtual, principalmente com a geografia, a utilização de mapas, fotos, vídeos, jogos, aplicativos, fazem com que desperte no aluno o desejo de estudar, mas também, o professor tem o papel de mediador entre o conhecimento e a tecnologia e para isto tem que saber lidar com estes meios.

4 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise das principais dificuldades encontradas pelos professores de Geografia, da rede pública de ensino de Pernambuco durante o seu exercício docente. Além disso, também possibilitou a realização de um estudo de caso para obter dados mais consistentes sobre o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, como anda o interesse do estudante pelas aulas, a importância da geografia e os métodos de ensino atualmente utilizados.

De um modo geral, os professores das redes estaduais e municipais de ensino encontram grandes dificuldades para realizar suas aulas de geografia. Esses alegam que o desinteresse por parte do estudante ainda é muito grande, e falta de estrutura, equipamentos e recursos nessas instituições acabam agravando tal situação, visto que as aulas se tornam unicamente teóricas e expositivas.

Constatou-se que os próprios professores no exercício docente desenvolvem saberes essenciais baseados na ruptura do ensino pautado na passividade e no tradicionalismo. Eles se preocupam em incorporar os conhecimentos individuais e coletivos dos estudantes sob a

forma de práticas e habilidades, de saber ser e de saber fazer, ou seja, constrói-se uma subjetividade que influencia na maneira de aprender e ensinar os conteúdos. É indiscutível a preocupação desses educadores em encontrar possibilidades para que as barreiras sejam vencidas e o ensino se apresente de forma crítica. Os mesmos referem-se à teoria e prática como unidade ressaltando que os conceitos estudados em sala de aula podem ser instrumentalizados através de saberes do cotidiano dos estudantes.

Para realização desse estudo encontramos certa dificuldade, visto que ainda existe uma resistência muito grande por parte dos professores em expor a realidade e as dificuldades encontradas em seu dia a dia de trabalho.

Dada à importância do assunto e os resultados obtidos, torna-se necessário à continuidade da pesquisa para que seja possível desenvolver de uma análise das metodologias e recursos didáticos utilizados pelos professores, além dos métodos avaliativos, os livros didáticos e os possíveis recursos tecnológicos que possam vir a ser utilizados. Almeja-se também que esse trabalho possa ocorrer em algumas escolas da zona rural do Estado e que assim fiquem claras as possíveis discrepâncias que podem acontecer nessas escolas quando comparadas com as da Região Metropolitana do Recife.

Nesse sentido, o estudo em tela pretende contribuir positivamente na área de ensino de geografia, para que seja possível realizar uma discussão na academia com base na realidade encontrada no chão da sala de aula, já que alguns dos professores entrevistados alegaram não conseguir colocar em prática metodologias e técnicas trabalhadas durante sua graduação por essas não se adequarem ao contexto no qual estão inseridos. Logo, espera-se que surja uma discussão voltada para as metodologias que realmente possam ser utilizadas pelos futuros professores da educação básica durante seu exercício docente, seja esse na rede privada ou pública de ensino, vencendo assim o tradicionalismo e passividade ainda bastante presente na educação brasileira.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: As abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para aprender e ensinar geografia**. 3ª Ed. São Paulo, Cortez, 2009.